

OPINIÃO

TIAGO CAIADO GUERREIRO

Advogado fiscalista



Fénix revisitada

O poder político [...] exige à Administração tributária, a aplicação de leis injustas e com carácter absurdo.

A Administração tributária portuguesa está de parabéns. O ano de 2006 revelou um aumento na eficiência da Administração tributária comprovado pelos resultados na cobrança e em especial na cobrança coerciva. E ser quadro da Administração tributária não é actualmente tarefa fácil em Portugal.

O poder político pressiona permanentemente todas as pessoas da Administração tributária para conseguirem obter cada vez mais receita fiscal, ao mesmo tempo que continua a alterar sucessivamente as leis sem lhes dar formação suficiente para que mantenham os seus conhecimentos actualizados. Mesmo que desse essa formação, o facto de alterar permanentemente a lei leva a que um inspector que vai inspecionar uma empresa nos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, tenha que se preparar para cada ano pois a lei provavelmente será diferente. Não há eficiência nem capacidade humana que resista a esta instabilidade e diversidade. Naturalmente que, o que acaba por acontecer, é que se verificam sucessivos erros nos relatórios da inspecção tributária. Este é um problema clássico que acontece aos políticos portugueses que parecem viver num mundo à parte totalmente alheado da realidade e dos constrangimentos do dia-a-dia da realidade económica e da vida das empresas.

Por outro lado, também é exigido à Administração tributária a aplicação de leis injustas e com carácter absurdo, como por exemplo, quando alguém numa empresa não consegue pagar o IVA porque o Estado não lhe paga ou porque não recebe os pagamentos dos fornecedores porque a justiça não funciona e não pode, embora decerto muitas vezes desejasse, recorrer à justiça privada. Ao invés, o contribuinte acaba por ser alvo de um processo-crime desproporcionado, cujo resultado, mesmo que favorável, nunca chegará a tempo útil, culminando a situação numa inevitável insolvência do contribuinte, asfixiando-se deste modo cada vez mais o tecido pequeno/médio empresarial e destruindo a vida de inúmeras pessoas e dos trabalhadores dessas empresas.

A Administração tributária tem melhorado ano após ano o seu desempenho. Essa melhoria de desempenho pode ser parcialmente imputada ao Director-geral dos Impostos, Dr. Paulo Macedo, mas grande parte do mérito deve ser dado aos funcionários da Administração tributária. Naturalmente que como em todas as instituições ou empresas há sempre alguns que nada fizeram e outros que se esforçaram e deram o seu melhor

e permitiram estes resultados. A Administração tributária pode orgulhar-se dos progressos que fez nos últimos anos e dos resultados que tem obtido.

Não deixo no entanto de chamar a atenção de que a representação sindical que pelo menos ouvimos nos meios da comunicação social parece exclusivamente concentrada em aumentar os salários e regalias dos trabalhadores da Administração tributária e pouco preocupada em assegurar o seu prestígio profissional, a formação, o seu regular desempenho cujo fim último deveria sempre ser a aplicação da justiça, realçando desta forma o seu papel fulcral na actual democracia.

As democracias modernas são financiadas nas suas funções de soberania pelos impostos dos contribuintes e pela aplicação directa dos princípios basilares do Estado Direito. No entanto, assistimos muitas vezes ao seu esbanjamento noutros desideratos que não servem para nada (regalias, subsídios, empregos para os 'boys', etc.).

O actual esforço da Administração fiscal na cobrança das dí-

O actual esforço da Administração fiscal na cobrança das dívidas dos contribuintes em falta é uma intenção de aplaudir, na perspectiva de aplicação daqueles princípios.

Os políticos portugueses parecem viver num mundo à parte, totalmente alheado [...] da realidade económica e da vida das empresas.

vidas dos muitos contribuintes em falta é decerto uma intenção de aplaudir, na perspectiva de aplicação daqueles princípios. Contudo tal não pode significar o sacrifício de vários direitos inalienáveis que assistem aos contribuintes, cujas esferas jurídicas são constantemente afectadas pela proliferação legislativa excessivamente desmesurada.

Os contribuintes, a Administração fiscal e, em última instância, o próprio Estado de Direito, exigem e merecem um tratamento e clareza do poder político e uma revisão da política fiscal mais respeitadora dos princípios estruturantes de um estado de direito democrático. ■

tguerreiro@tguerreiro.com

COLUNA VERTEBRAL



JOÃO PAULO GUERRA

Santa Comba

Um ex-presidente da Junta de Freguesia da terra natal de Oliveira Salazar chamou-me certa vez a atenção, em resposta a perguntas para uma reportagem, para o facto de não haver qualquer santa-combense nas comissões promotoras das romagens de homenagem ao ditador.

Mas ninguém melhor que o coveiro do cemitério de Santa Cruz do Vimieiro, concelho de Santa Comba, me falou de um assunto tão em voga actualmente como é a relação entre aquela santa terrinha e Salazar. De parceria com o Adelino Gomes, entrevistei o coveiro nos anos 70, pouco tempo após Salazar ter sido sepultado. Nós tínhamo-lo desobrigado do que ele sentia ser um dever, o de falar conosco com o chapéu na mão, pelo que foi de mãos livres e com o coração nas mãos que o coveiro falou.

Para contar, com todo o respeito, que sendo ele nascido e criado em Santa Comba, onde trabalhou como cantoneiro e mais tarde como coveiro, teria visto Salazar ao vivo duas vezes. Mas da primeira é que ele não se esquecera. Estava o pobre do cantoneiro a "zelar pela estrada" quando viu, aproximando-se, apoiado a uma cana, a figura de Salazar. "Vinha sozinho?", perguntei-lhe. "Vinha sozinho", respondeu-me. "A polícia vinha pelo meio dos pinhais", acrescentou. E muito naturalmente, vendo aproximar-se a figura de Salazar, filho da terra e ditador em Lisboa, a primeira reacção do cantoneiro foi a de esconder-se. "Ai o Salazar! Temi-me", explicou.

Mai sabia o pobre homem que viria a ser o zelador da paz do cemitério onde iria fazer o temido Salazar, numa urna, debaixo de três tampas de aço, chumbo e cimento, com sete pás de terra por cima e ainda uma pedra tumular mandada cortar pelo próprio Salazar. Ou seja: não há razão para ter medo. ■

jpguerra@economicasgpgs.com

RITA MARQUES GUEDES

Advogada



Portas equidistante

Ainda que um não assumia a morte do outro, as coisas são como são e no CDS quem manda é o PP.

CLARIFICAÇÃO. Paulo Portas não anunciou, qual surpresa reservada. Paulo Portas não voltou, qual grande salvador. Paulo Portas confirmou. Que, efectivamente, nunca saiu - para onde? Que, realmente, sempre se manteve presente - sem grande trabalho para tal. Que, verdadeiramente, andou sempre por aí - Ribeiro e Castro que o diga!

Paulo Portas colocou-nos perante uma simples clarificação de situações: é no PP que está o futuro do CDS. Ainda que um não assumia a morte do outro, as coisas são como são e no CDS quem manda é o PP.

Nada pior para as lideranças e para a credibilização das forças partidárias do que terem de conviver no seu próprio interior com grupos de bloqueio mais ou menos assumidos, mais ou menos identificáveis, em intriga armadilhada e guerrilha interna.

Se no CDS/PP isto é uma constante, a verdade é que nos últimos tempos vinha assumindo características absolutamente exageradas e em manifesto prejuízo do partido, globalmente considerado.

Finalmente a transparência. Eis a boca de cena aberta para quem tanto manobrou por detrás do pano.

É muito melhor o espectáculo quando ao público é dada a possibilidade de avaliar o desempenho das principais estrelas do elenco.

EQUIDISTÂNCIA. O objectivo político da candidatura de Paulo Portas é simples e resume-se numa ideia: retirar a maioria absoluta ao PS e tornar-se o fiel da estabilidade política da próxima legislatura.

O percurso necessário para atingir tal objectivo poderá passar por diversas hipóteses, mas longe não andaremos se apostarmos na teoria da equidistância, desenvolvida ao tempo do regressado Freitas do Amaral.

É certo que se assim for, se tratará de uma revisitada da dita teoria, formatada às circunstâncias e aos actores actuais, posto que Paulo Portas bem sabe que a mesma ao tempo de Freitas mais não lhe rendeu que cerca de 4% como resultado eleitoral.

Mas os tempos são/serão outros e a valorização da estabilidade pode ter que vir a ser desenvolvida também a partir do Palácio de Belém, caso em que a equidistância ganhará foros de legitimação e de eficácia.

É, pois, perante um novo ciclo político que a "anunciada" candidatura de Paulo Portas nos faz entrar:

Com o mérito, conceda-se, de fazer despertar os que tendem a dormir à sombra da bananeira.

OPORTUNIDADE. Não é uma tragédia para o PSD o anunciado retorno de Paulo Portas à liderança do PP.

O que é trágico para o PSD é que exista quem no seu próprio interior possa entender este anúncio como um desastre para o partido, valorizando deste modo o que apenas justifica constatação. De leituras fatalistas está o país cheio.

Os sociais-democratas devem olhar o eventual regresso de Paulo Portas à liderança do PP como um estímulo. Quer à reflexão,

quer à acção.

A reflexão, numa lógica de posicionamento estratégico do partido face ao quadro político que se perspectiva.

A acção, numa lógica de exercício de uma oposição responsável e consistente que verdadeiramente marque a diferença e possa apresentar o PSD como alternativa de poder. Só assim se pode fazer emergir forças

Paulo Portas não voltou, qual grande salvador. Paulo Portas confirmou que nunca saiu [...], que, verdadeiramente, andou sempre por aí - Ribeiro e Castro que o diga!

É muito melhor o espectáculo quando ao público é dada a possibilidade de avaliar o desempenho das principais estrelas do elenco.

positivas de factos aparentemente negativos. Não há hipótese de ganhar músculo sem sofrimento.

Importa, ainda, que o PSD saiba ser o primeiro a sublinhar a diferença, evitando, desde logo, começar a fazer a gestão do seu dia-a-dia por reacção à definição do dia-a-dia dos outros.

Não há que ir muito longe à busca de teorias que justifiquem qual o percurso a empreender pelos sociais-democratas.

E também não há nenhum segredo especial, nem nenhuma fórmula mágica que substitua aquilo que, com natural simplicidade, há a fazer: se o PSD souber ir à sua matriz, e dela fizer as necessárias decorrências, verificará que facilmente encontra o seu rumo.

Se tal se confirmar, os portugueses serão os primeiros a agradecer. ■